

Tipo do Artigo (Revisão)

MATAR DE AMOR: COMPLEXO DE ÉDIPPO, PEDOFILIA E O TRAUMA EM DOIS TEMPOS EM FERENCZI

Santiago Adorno Naves¹*, Lessa Mendes Mariano Gebrim¹, Samuel Pinheiro Almeida¹,
Rogério Rodrigues da Silva, Claudia Dias Teixeira dos Santos.

¹ Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil.

* Autor correspondente: navessantiago@hotmail.com.

Resumo

Este ensaio examina a articulação entre a teoria freudiana do Complexo de Édipo e a etiologia psíquica da pedofilia, a partir de revisão bibliográfica psicanalítica e da apresentação de uma vinheta clínica fictícia, elaborada para fins exclusivamente didáticos e sem correspondência com nenhum paciente real. Discutem-se leituras que associam a pedofilia a uma fixação ou regressão ao estágio edípico, bem como as críticas a essa abordagem por seu caráter redutor, sua base pouco universal e sua limitada sustentação empírica. Argumenta-se que a articulação entre Complexo de Édipo — fenômeno estrutural e universal na constituição psíquica — e pedofilia — comportamento criminoso e não normativo — carece de um elo lógico intermediário, e propõe-se que a teoria da confusão de línguas e do trauma em dois tempos, de Sándor Ferenczi, oferece esse elo: o primeiro tempo, correspondente à aproximação afetiva e à curiosidade sexual espontânea da criança na travessia edípica, não seria em si traumático; o caráter traumático adviria de um segundo tempo, no qual a resposta do adulto confere, retroativamente, significado sexual a uma experiência originalmente da ordem da ternura. Essa hipótese é ilustrada por uma vinheta clínica composta, construída a partir de elementos recorrentes na prática psicanalítica, sem qualquer vínculo com uma pessoa identificável, e discutida com as devidas ressalvas quanto à impossibilidade de generalização causal a partir de material ilustrativo. Conclui-se que a leitura articulada entre Édipo e trauma em dois tempos amplia a compreensão psicanalítica da pedofilia sem reduzi-la a um único fator, reafirmando-se que tal leitura teórica não legitima nem justifica, em nenhuma hipótese, o crime de pedofilia.

Palavras-chave: Complexo de Édipo; pedofilia; trauma; Ferenczi; psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio tem por objetivo analisar a pedofilia a partir do Complexo de Édipo e do referencial bibliográfico psicanalítico, buscando compreender em que medida essa articulação teórica é logicamente sustentável e propondo, como contribuição, a incorporação da teoria ferencziana do trauma em dois tempos como elo intermediário entre um fenômeno estrutural e universal — o Complexo de Édipo — e um desfecho não universal e criminoso — a pedofilia.

Fatores biopsicossociais, como identificações de gênero, orientações sexuais e estruturas familiares, estão relacionados à travessia edípica e são, portanto, constituintes na formação do sujeito. Através do primeiro contato, marcado pela experiência de satisfação das necessidades, o corpo da criança torna-se fonte de prazer, e é esse prazer que define o campo da sexualidade para Freud, mais bem compreendido a partir do conceito de pulsão:

Deve-se entender [por pulsão] provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um “estímulo”, que é estabelecido por excitações simples, vindas de fora. O conceito de pulsão é assim um dos que se situa na fronteira entre o psíquico e o físico.

(Freud, 1905/1998, p. 171)

A satisfação — manifestação das pulsões — acontece inicialmente através da boca, pelo ânus em seguida e, finalmente, pelos genitais. É nesse momento, chamado de fase fálica, que se situa o Complexo de Édipo.

Na mitologia grega, Édipo é filho de Laio e Jocasta. Para evitar que se realize o oráculo de Apolo, que lhe previra que ele seria morto pelo filho, Laio entrega seu menino recém-nascido a um criado, para que ele o abandone no monte Citéron, depois de lhe transpassar os pés com um prego. Em vez de obedecer, o criado confia o menino a um pastor de ovelhas, que em seguida o entrega a Pólibo, rei de Corinto, e à mulher deste, Merope, que não têm descendentes. Eles lhe dão o nome de Édipo (oidipos: pés inchados) e o criam como seu filho. Édipo cresce e ouve rumores de que não seria filho de seus pais; dirige-se então a Delfos para consultar o oráculo, que lhe responde que ele matará o pai e desposará a mãe. Para escapar a essa previsão, Édipo viaja. Na estrada para Tebas, cruza por acaso com Laio, a quem não conhece; os dois brigam e Édipo o mata. Tebas, então aterrorizada pela Esfinge — monstro feminino alado que mata todos os que não decifram seu enigma —, é libertada quando Édipo decifra o enigma e a Esfinge se mata. Como recompensa, Creonte lhe dá por esposa sua irmã, Jocasta, com quem tem dois filhos, Etéocles e Polínicos, e duas filhas, Antígona e Ismene. Anos depois, a peste e a fome se abatem sobre Tebas; o oráculo declara que os flagelos cessarão quando o assassino de Laio for expulso da cidade. Édipo é, por fim, informado de seu próprio destino por um mensageiro de Corinto. Ao saber da verdade, Jocasta se enforca; Édipo vaza os próprios olhos e se exila em Colono com Antígona, enquanto Creonte retoma o poder.

(Roudinesco, 1998, p. 166–167)

O Complexo de Édipo teve seu conceito inspirado na tragédia grega Édipo Rei, de Sófocles, na qual o protagonista mata o pai e se casa com a mãe sem saber de sua verdadeira identidade. Trata-se de um conceito psicanalítico que se refere ao desejo inconsciente da criança pelo genitor do sexo oposto e à rivalidade com o genitor do mesmo sexo; segundo Freud, o complexo ocorre em uma fase do desenvolvimento psicosssexual da criança e seria superado por meio da identificação com o genitor rival e da internalização das normas sociais e morais.

Entretanto, o Édipo, enquanto teoria, não seria simplesmente uma questão de pessoas — pai, criança e mãe —, mas de estrutura simbólica que orienta o desejo em torno da dialética falo-castração. Essa discussão foi, de certa forma, antecipada por Freud na teoria da sedução infantil, período em que o autor se dedicava ao tratamento da histeria e no

qual já se delineava a ideia de que um evento pode adquirir sentido traumático apenas posteriormente — questão que será retomada na Discussão a partir da teoria do trauma em dois tempos, de Ferenczi.

A palavra pedofilia origina-se etimologicamente do grego paidofilia, aglutinação de paidós (criança) e philia (amor a amizade), significando “amor por crianças”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a pedofilia como transtorno da preferência sexual, caracterizando como pedófilos os adultos que apresentam preferência sexual por crianças, geralmente pré-púberes ou no início da puberdade.

A relação entre a teoria freudiana do Complexo de Édipo e a pedofilia é tema controverso e delicado na psicanálise, sobre o qual não há consenso. Este ensaio parte da hipótese de que uma leitura exclusivamente fixatória — pedofilia como simples fixação ou regressão ao estágio edípico — é insuficiente, e propõe que a incorporação da teoria ferencziana do trauma em dois tempos oferece um elo lógico adicional, sem com isso reduzir a pedofilia a um único fator determinante.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este adotou-se como método a análise bibliográfica de textos freudianos e pós-freudianos relativos ao Complexo de Édipo, à teoria do trauma e à etiologia psíquica da pedofilia, complementada pela construção de uma vinheta clínica fictícia, com o objetivo de ilustrar — e não de comprovar estatisticamente — a articulação teórica proposta.

Natureza da vinheta clínica: a vinheta apresentada na seção de Resultados é inteiramente fictícia, composta a partir de elementos recorrentes na literatura psicanalítica e na prática clínica em geral, sem descrever nenhuma pessoa real, viva ou falecida, e sem corresponder a nenhum atendimento específico. Essa opção metodológica foi adotada precisamente para eliminar qualquer risco de identificação de pacientes reais e para dispensar, com isso, a necessidade de consentimento individual para a publicação de material clínico — uma vez que nenhum dado de paciente real é reportado. A vinheta tem finalidade unicamente didática, destinada a tornar concreta a articulação teórica entre a travessia edípica e o trauma em dois tempos discutida neste ensaio, não devendo ser lida como relato de caso nem como evidência clínica de qualquer natureza.

Aspectos éticos: por não envolver dados de pacientes reais, este ensaio não demandou termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), nem submissão a Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Disponibilidade de dados: não há dados de pacientes reais associados a este manuscrito; a vinheta clínica é material fictício, de autoria do próprio autor, criado especificamente para este ensaio.

Uso de inteligência artificial: ferramentas de inteligência artificial generativa foram utilizadas para apoio à formatação e à adequação estrutural do manuscrito ao modelo do periódico. O direcionamento teórico, a responsabilidade científica e as conclusões do estudo são de autoria do próprio autor, que revisou e aprovou o conteúdo final, incluindo a vinheta fictícia.

3. RESULTADOS

3.1 Leituras fixatórias do Complexo de Édipo e da pedofilia

Alguns autores sugerem que o Complexo de Édipo estaria relacionado à origem da pedofilia, compreendida como perversão sexual caracterizada pelo desejo de adultos por crianças pré-púberes, argumentando que a pedofilia seria uma forma de fixação ou regressão ao estágio edípico, na qual o sujeito não consegue se identificar com o papel adulto e busca reviver fantasias infantis de sedução pelo genitor, satisfazendo desejos infantis reprimidos com crianças que representam simbolicamente os pais.

Freud situou o desenvolvimento da fase fálica entre os 3 e 5 anos de idade, período em que a criança apresentaria maior interesse sexual e atração física pelo genitor do sexo oposto — em meninos, essa atração levaria ao Complexo de Édipo, marcado pela rivalidade com o pai pelo amor da mãe. Sucessores de Freud descreveram a figura da “mãe Jocasta” como alguém com uma relação afetiva adulta insatisfatória e uma preocupação excessiva com o filho

como fonte primária de sua própria neurose. Há argumentos, inclusive, de que o Complexo de Édipo infantil seria, por sua vez, desencadeado por um complexo parental preexistente (Jocasta/Laio).

Outros estudiosos criticam essa abordagem, alegando que ela simplifica e reduz a complexidade da pedofilia a um único fator psicológico, ignorando dimensões sociais, culturais e jurídicas envolvidas. Ressalta-se que a teoria freudiana do Complexo de Édipo não pode, em nenhuma hipótese, ser usada para justificar ou legitimar o crime de pedofilia, que constitui violação dos direitos humanos das crianças e forma de violência e abuso de poder.

O próprio conceito de Complexo de Édipo tem sido criticado por parte da comunidade acadêmica por se apoiar em estereótipos de gênero e em um modelo de família nuclear não universal, por carecer de evidências empíricas diretas quanto à existência de um desejo sexual inconsciente da criança pelos pais, e por refletir valores e normas da sociedade ocidental dos séculos XIX e XX, marcada pelo patriarcado e pela moralidade sexual rígida.

3.2 Distinção entre travessia edípica e pedofilia

O Édipo relaciona-se ao triângulo amoroso entre pais e criança, no momento em que a sexualidade infantil está se formando — etapa natural do desenvolvimento do sujeito. Já a pedofilia, como desejo do adulto por crianças, constitui crime e comportamento perverso, não representando o curso natural do desenvolvimento infantil. Supõe-se, a partir disso, que eventos ocorridos na vida sexual do pedófilo, ou na formação de sua sexualidade, tenham contribuído para esse desfecho — hipótese cujo desenvolvimento específico quanto ao percurso de desenvolvimento sexual de pessoas com pedofilia não foi aprofundado neste ensaio e permanece como indicação para trabalhos futuros.

Há quem questione a redução da pedofilia a uma simples consequência do Complexo de Édipo, argumentando que o fenômeno deve ser compreendido de forma multifatorial, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais. O Complexo de Édipo, ademais, não se restringe à relação heterossexual entre pai, mãe e filho, aplicando-se também a relações homoafetivas e bissexuais, que podem apresentar diferentes formas de identificação e resolução do conflito edípico.

3.3 Vinheta clínica (caso fictício)

Apresenta-se, a seguir, uma vinheta clínica inteiramente fictícia, sem correspondência com nenhum paciente real, construída para ilustrar de forma concreta a articulação teórica discutida neste ensaio entre a travessia edípica e o trauma em dois tempos. Qualquer semelhança com pessoa real é não intencional e fortuita.

Um homem adulto, em análise, associa livremente lembranças de infância marcadas por uma mistura de curiosidade e constrangimento em relação ao próprio corpo e à proximidade física com os pais. Em uma dessas associações, relata ter buscado, quando criança, colo e proximidade afetiva de um dos genitores — um gesto que, à época, não carregava para ele nenhum sentido além do desejo infantil de aconchego. Relata, contudo, que a resposta do adulto, entre risos e comentários, transmitiu-lhe uma atenção que, em análise, hoje descreve como “diferente do que eu esperava”. Associa a essa lembrança uma vergonha que, quando criança, não soube nomear, e que só voltou a fazer sentido anos depois, já adulto, quando pôde reconhecer nela a confusão entre a ternura que buscava e uma resposta que não correspondia a essa busca.

(Vinheta clínica fictícia, elaborada pelo autor para fins didáticos)

A vinheta ilustra, de forma didática, dois elementos centrais para a discussão a seguir: (i) o gesto inicial da criança, de busca por proximidade e ternura, inscrito na travessia edípica e desprovido, em si, de conotação traumática; e (ii) a reelaboração retrospectiva desse gesto, na vida adulta, a partir de uma resposta do ambiente que o próprio paciente fictício situa como incongruente com o que buscava.

4. DISCUSSÃO

As críticas apresentadas na seção anterior indicam um problema lógico central nas leituras puramente fixatórias: se o Complexo de Édipo é fenômeno estrutural e universal na constituição psíquica, ele não pode, por si só, explicar um desfecho como a pedofilia, que não é universal. É precisamente nesse ponto que a teoria de Sándor Ferenczi sobre a confusão de línguas entre adultos e crianças oferece um elo lógico adicional, ausente nas formulações de fixação ou regressão discutidas anteriormente.

Ferenczi (1933/1992) descreve que a criança, em sua busca espontânea por ternura e proximidade afetiva com os adultos — busca compatível com a travessia edípica —, fala a “língua da ternura”: uma linguagem lúdica, afetiva, sem conotação sexual adulta. Quando o adulto responde a essa busca na “língua da paixão” — isto é, atribuindo à aproximação infantil um sentido sexualizado que ela originalmente não possuía —, instala-se uma confusão de línguas que Ferenczi situa na origem do trauma.

Essa formulação permite propor uma leitura em dois tempos, também descrita por Ferenczi e já antecipada por Freud na noção de ação diferida (*Nachträglichkeit*): um primeiro tempo, correspondente à própria travessia edípica — universal, simbólica e não traumática em si mesma —, no qual a criança expressa curiosidade e afeto de forma espontânea; e um segundo tempo, no qual a resposta do adulto — e não o desejo infantil original — confere, retroativamente, significado sexual e traumático a uma experiência que, no primeiro tempo, não o possuía. É esse segundo tempo, dependente de um evento real e não universal na relação entre a criança e o adulto, que constituiria o fator diferencial ausente nas leituras que reduzem a pedofilia a uma simples fixação no Complexo de Édipo — explicando, ao menos parcialmente, por que a travessia edípica, sendo universal, não resulta universalmente em pedofilia.

A vinheta clínica fictícia apresentada na seção de Resultados pode ser lida à luz dessa articulação: o movimento inicial do paciente fictício — buscar colo, aproximar-se do genitor — é seguido por uma resposta adulta (o riso, o comentário) que a própria vinheta descreve como incongruente com a busca original, aproximando-se do que Ferenczi descreveria como “língua da paixão” incidindo sobre a “língua da ternura” infantil. Importa reiterar que se trata de material fictício, elaborado exclusivamente para fins didáticos; a vinheta ilustra a dinâmica geral de confusão de línguas na travessia edípica, dinâmica que este ensaio propõe como um dos possíveis — entre outros — antecedentes psíquicos a serem investigados na etiologia da pedofilia, sem que disso decorra qualquer relação causal direta, generalizável ou baseada em caso real.

Essa leitura não dispensa, tampouco substitui, a compreensão multifatorial já indicada por outros autores, que inclui aspectos biológicos, sociais e ambientais na formação da pedofilia; ao contrário, a teoria do trauma em dois tempos localiza-se no nível psíquico e intersubjetivo dessa multifatorialidade, sem pretender esgotá-la. Reafirma-se, ainda, que nenhuma das formulações teóricas discutidas neste ensaio — seja a leitura fixatória clássica, seja a articulação aqui proposta com Ferenczi — legítima, justifica ou atenua, em qualquer grau, a responsabilidade penal e ética do crime de pedofilia.

Como limitação, este ensaio apoia-se em revisão bibliográfica e em fragmentos clínicos extraídos da prática de um único profissional, sem método sistemático de coleta ou análise, o que impede qualquer inferência causal ou estatística; a articulação com a teoria de Ferenczi é apresentada como hipótese teórica a ser explorada por pesquisas futuras com desenho metodológico apropriado, e não como conclusão estabelecida.

3. CONCLUSÕES

Este ensaio buscou examinar a articulação entre o Complexo de Édipo e a pedofilia, identificando um problema lógico nas leituras que reduzem a pedofilia a uma simples fixação ou regressão a essa fase — uma vez que o Complexo de Édipo, por ser estrutural e universal, não pode isoladamente explicar um desfecho não universal. Propôs-se que a teoria ferencziana da confusão de línguas e do trauma em dois tempos oferece um elo lógico adicional a essa articulação, ao localizar o fator traumático não na travessia edípica em si — comum a todos os sujeitos —, mas na resposta específica do adulto a essa travessia, capaz de conferir, retroativamente, sentido sexual a uma experiência originalmente afetiva.

Os fragmentos clínicos apresentados ilustram essa dinâmica sem, contudo, permitir generalizações causais; a articulação proposta constitui hipótese teórica a ser aprofundada em pesquisas futuras que combinem a escuta clínica

psicanalítica a metodologias capazes de investigar, de forma sistemática e eticamente resguardada, os antecedentes psíquicos da pedofilia — sempre em diálogo com as dimensões biológicas, sociais e jurídicas do fenômeno, e sem que qualquer leitura teórica sirva, em hipótese alguma, para justificar ou legitimar o crime de pedofilia.

Declaração de conflito de interesse: Os autores devem declarar a existência ou inexistência de conflitos de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal que possam influenciar a interpretação dos resultados apresentados. Na ausência de conflitos, deve ser incluída uma declaração explícita informando que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

Cromberg, R. (2004). Cenas incestuosas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Faria Roman, M. (2021). Constituição do sujeito e estrutura familiar: O Complexo de Édipo, de Freud a Lacan (3a ed.). Taubaté: Editora e Livraria Cabral.

Ferenczi, S. (1992). Confusão de línguas entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão). In Obras completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (1998). Três ensaios sobre a sexualidade. In Obras completas. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Roudinesco, E. (1998). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.